



RDL

REDE BRASILEIRA  
DIREITO E LITERATURA

## A TRAGÉDIA DE JÚLIO CÉSAR: PODER, IDEAL E TRAIÇÃO<sup>1</sup>

LUÍS ROBERTO BARROSO<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo reproduz brevemente o enredo da peça de William Shakespeare *A tragédia de Júlio César* e procura fazer reflexões sobre o poder e os comportamentos humanos na antevéspera do fim da República romana. O texto, na verdade, retrata a tragédia de Brutus, que movido por idealismo e pelo ímpeto de proteger a República, traiu César e participou da conspiração para matá-lo. O artigo termina com considerações sobre amor, ideal e traição.

**PALAVRAS-CHAVE:** Shakespeare; Júlio César; República; poder; ideal; traição.

### 1 INTRODUÇÃO

*Até tu, Brutus!* (“Et tu, Brute!”). Eis uma frase que atravessou os tempos como símbolo da perplexidade e da traição. E não do desprendimento e do idealismo, que estavam por trás do gesto de Brutus. Mesmo quem jamais leu a tragédia de *Júlio César* ou sequer ouviu falar de William Shakespeare conhece o significado deste desabafo. A peça é, na verdade, como muitos comentadores sugerem<sup>3</sup>, a tragédia de Brutus, cuja integridade moral e valores republicanos o levaram a sacrificar sentimentos pessoais de afeto por César para matá-lo em nome de um bem maior. E, assim, conjurar o risco da ditadura e da tirania. Assim supunha ele. A peça

---

<sup>1</sup> Sou grato a Felipe Meneses Graça pela ajuda valiosa na pesquisa e desenvolvimento deste artigo.

<sup>2</sup> Professor Titular de Direito Constitucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ministro do Supremo Tribunal Federal. Rio de Janeiro, RJ. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2430424576721113>. E-mail: [gabmlrb@stf.jus.br](mailto:gabmlrb@stf.jus.br).

<sup>3</sup> A esse respeito, particularmente interessantes e dignos de nota são os textos de José Roberto Castro Neves (2014), Barbara Heliodora (2005), Harold Bloom (1998), Emma Smith (2012).

narra, em essência, o assassinato de César: conspiração, execução e consequências.

A tragédia de César e de Brutus foi um capítulo precursor da tragédia de Roma. A partir dali, às vésperas do início da Era Comum, sobreviriam disputas e guerras que culminariam com o colapso da República e a chegada ao poder de alguns dos grandes tiranos da história da humanidade: Tibério, Calígula e Nero (Hadfield, 2007). Os personagens principais da peça são Júlio César, Brutus e Marco Antônio. Sintomaticamente, Marcus Túlio Cícero, o grande intelectual e símbolo das virtudes romanas, tem papel menor, meramente incidental na narrativa. A peça termina sem referência ao seu fim trágico, ao tornar-se adversário de Marco Antônio. O final da República romana assistiu a ascensão de generais vitoriosos e ambiciosos, insensíveis às sutilezas e complexidades de um regime político que almejava algum grau de igualdade e participação dos cidadãos, combinando o papel do Senado com o dos tribunos da plebe. Neste sentido, a queda da República – cuja antevéspera é retratada na peça – prenunciou uma história que se repetiria pelos séculos afora, em diferentes partes do mundo, em todos os hemisférios e latitudes: a dominação do poder militar sobre o poder civil.

É possível que a história de Roma não tivesse mudado muito se César tivesse permanecido vivo. Isso jamais se saberá. Mas especular como teria sido daria um bom tema para outra estória. Se ninguém fez isso ainda, fica a sugestão.

## 2 SHAKESPEARE E SEU TEMPO

*He was not of an age, but for all time.*

Ben Johnson

William Shakespeare nasceu em 1564 e morreu em 1616, aos 52 anos. Produziu 38 peças teatrais e 154 sonetos, em meio a diversos outros escritos. Em 1623, foi publicado postumamente o conjunto da sua obra dramática, em volume que se tornou célebre, intitulado *First Folio*. No prefácio do livro, Ben Johnson denunciava sua importância para a história da literatura mundial, em passagem cuja versão original abre este tópico: “Ele não foi de uma época, mas para todos os tempos” (The New Encyclopaedia Britannica, 2002, p. 254). Shakespeare não chegou a ser

reverenciado em vida, apesar de ter conquistado reconhecimento entre seus contemporâneos. Também foi alvo de críticas, como a que lhe dirigiu o dramaturgo Robert Greene, que o acusava de pretensiosamente querer equiparar-se a autores com muito mais estudo e formação (Shakespeare, 2006b, p. vi). A verdade, porém, é que seus textos foram traduzidos para quase todas as línguas conhecidas, tornando-o mundialmente aclamado como o autor que “escreveu a melhor poesia e a melhor prosa em língua inglesa, talvez, não apenas em língua inglesa, mas em qualquer idioma ocidental” (Bloom, 1998, p. 20). Shakespeare foi, de fato, um extraordinário intérprete da alma humana e sua obra mais abrangente e universal do que a de outros gigantes da literatura mundial, como Homero, Dante Alighieri ou Leon Tolstoi.

O período de vida de Shakespeare correspondeu a uma transformação profunda da Inglaterra, com a mudança de patamar de um país periférico que aos poucos se converteu em uma potência internacional. Um ano antes de seu nascimento, em 1563, um surto de peste dizimou um terço da população de Londres. Ao longo dos anos 1560, a escassez de comida e a *influenza* consumiram outros tantos milhares de vidas. A chegada de Elizabeth à condição de rainha – protestante que sucedeu sua meio-irmã, Mary, que era católica e perseguiu e executou os protestantes, a ponto de ser apelidada de *Bloody Mary* – deflagrou o temor de guerras e de uma invasão por parte das monarquias católicas, insufladas por Roma. Esta, portanto, a Inglaterra em que Shakespeare nasceu: pobre, atrasada e instável, situada na periferia da Europa. O inglês, por sua vez, era uma língua menor, falada tão somente no âmbito da ilha que viria, pouco à frente, a se tornar a Grã-Bretanha. Apesar de uma revolta dos nobres do Norte, em 1569, que procurou destronar a rainha e restaurar o catolicismo, o fato é que a história começou a mudar em favor dos ingleses. Elizabeth I impôs-se progressivamente sobre a nação, conseguiu contemporizar os conflitos religiosos com ambiguidade e tolerância e, mais notável ainda, saiu-se a improvável vitoriosa do conflito com a Espanha. Em 1588, suas forças impuseram dramática derrota à armada espanhola.

O que se quer destacar aqui, portanto, é que no curso da vida de Shakespeare, a Inglaterra tornou-se uma nação mais próspera, mais autoconfiante e passou a ocupar um lugar de destaque no cenário mundial.

Tendo morrido solteira e sem filhos, Elizabeth foi sucedida – ao contrário de todos os temores, sem disputas relevantes – por James VI, da Escócia, que se tornou James I, da Inglaterra. Apesar de não desfrutar do prestígio e da autoridade de sua antecessora, James fez a paz com a Espanha, em 1604, e tornou-se historicamente conhecido pela versão da Bíblia cuja edição patrocinou (*The King James Bible*), unificando as diferentes e conflitantes versões existentes. A Inglaterra tornou-se, ao longo do período em que Shakespeare viveu e produziu suas peças, em um ambiente propício para o florescimento da dramaturgia e do teatro: de um lado, algum grau de prosperidade – que gerava recursos para financiar estas atividades – e de educação, que gerava autores e um público interessado; e, de outro, os dramas envolvendo tensões bélicas, disputas religiosas e incertezas na sucessão real. Quando voltou à sua idade natal, Stratford-upon-Avon, pouco antes de morrer, Shakespeare já era um cidadão ilustre. Porém, seriam necessários ainda mais cem anos para o mundo reconhecê-lo como um dos grandes gênios da humanidade, tendo transformado as grandes questões políticas, sociais e morais de suas peças em temas universais e atemporais.

### 3 A REPÚBLICA ROMANA<sup>4</sup>

Atenas é historicamente identificada como o primeiro grande precedente de limitação do poder político – *governo de leis e não de homens* – e de participação dos cidadãos nos assuntos públicos. Embora tivesse sido uma potência territorial e militar de alguma expressão, seu legado perene é de natureza intelectual, como berço do ideal constitucionalista e democrático. Ali se conceberam e praticaram idéias e institutos que ainda hoje se conservam atuais, como a divisão das funções estatais por órgãos diversos, a separação entre o poder secular e a religião, a existência de um sistema judicial e, sobretudo, a supremacia da *lei*, criada por um processo formal adequado e válida para todos.

O ideal constitucionalista de limitação do poder foi compartilhado por Roma, onde a República se implantou em 529 a.C., ao fim da monarquia

<sup>4</sup> Remeto os interessados no tema aos trabalhos de Gordon Scott (1999); R. C. van Caenegem (1995); Julius H. Wolff (1951); Fritz Schulz (1953); Henrique Modanez de Santana (2014), bem como ao verbete “William Shakespeare” (*The Encyclopedia Americana*, 1998; *Encyclopedia Britannica*, 1975; *The Columbia encyclopedia*, 1993).

etrusca, com a Lei das Doze Tábuas<sup>5</sup>. O poder militar e político romano estendeu-se por quase todo o Mediterrâneo, mas sua estrutura jurídica e instituições políticas seguiram sendo as de uma cidade-estado, com as decisões concentradas em um número limitado de órgãos e pessoas. Tais instituições incluíam a Assembléia (que, a rigor, eram diversas, e encarnavam o poder de elaborar leis), os Cônsules (que eram os principais agentes executivos) e outros altos funcionários (pretos, questores, tribunos da plebe), além do Senado, cujo caráter formal de mero órgão consultivo encobria seu papel de fonte material e efetiva de poder. Havia algum grau de participação dos cidadãos, embora reduzido<sup>6</sup>.

A despeito de seu caráter aristocrático, o poder na República era repartido por instituições que se controlavam e temiam reciprocamente<sup>7</sup>. Nada obstante, um conjunto de causas conduziram ao ocaso do modelo republicano, dentre as quais o sistema de privilégios da aristocracia patricia e a insatisfação das tropas, do povo e das outras aristocracias excluídas dos cargos consulares e do Senado. Do ponto de vista institucional, o fim veio pela via previsível, que destruiu inúmeros outros sistemas pluralistas ao longo da história: os comandantes militares tornaram-se excessivamente poderosos e escaparam ao controle efetivo dos órgãos políticos. Quando a República ruiu e deu-se a coroação do imperador, não foi o fim de Roma, cujo domínio duraria ainda mais meio milênio. O que terminou, na véspera do início da era cristã, foram a experiência e o ideal constitucionalistas, que vinham dos gregos e haviam sido retomados pelos romanos. A partir dali, o constitucionalismo desapareceria do mundo ocidental por bem mais de mil anos, até o final da Idade Média.

---

<sup>5</sup> Somente alguns fragmentos desta Lei ficaram conhecidos. Em um deles lê-se: “*salus populi suprema lex esto*” (o bem estar do povo é o bem supremo). A história da civilização romana compreende um período aproximado de doze séculos e é normalmente dividida pelos historiadores em três fases: (i) a *realiza*, que vai da fundação de Roma, em 753 a.C., até a deposição do rei etrusco Tarquínio; (ii) a *República*, que começa em 529 a.C., com a eleição dos dois cônsules; e (iii) o *império*, iniciado com a sagração de Otávio Augusto como imperador, em 27 A.C., até 476 da nossa era.

<sup>6</sup> A estimativa é de que houvesse cerca de 400 mil cidadãos, dos quais possivelmente cerca de dez por cento participavam de reuniões da Assembleia.

<sup>7</sup> Dois autores contemporâneos da República romana – Políbio e Cícero –, ambos próximos da aristocracia do poder, escreveram textos historicamente importantes acerca do período. Em seu clássico *Da República*, Cícero, endossando Políbio, sustentou que a República romana era um sistema misto, no qual estavam presentes elementos das três formas puras de governo reconhecidas então, por influência dos escritos de Aristóteles: os cônsules eram o elemento *monárquico*, o Senado o *aristocrático* e as assembleias o *democrático* (Livro I).

No contexto específico relevante para a peça, Júlio César integrava uma aliança política com Crasso e Pompeu, conhecida como Triunvirato. O sucesso de César nas Guerras Gálias estendeu o poder de Roma até a Britânia e o Reno, dando-lhe prestígio e poder político. Este fato, aliado à morte de Crasso, na Batalha de Carras, e de Júlia – filha de César e esposa de Pompeu –, desestabilizou o equilíbrio de poder entre César e Pompeu. Pompeu alinha-se com o Senado, que determina a César que dissolva seu exército e retorne a Roma. César desafia as ordens e volta à Roma à frente de suas legiões, violando a lei que impedia generais de marcharem com exércitos para além do Rubicão. Ao atravessar o rio, César teria pronunciado a frase célebre: *Allea jacta est* (“A sorte está lançada”). Instaurada a guerra civil, César sagra-se vitorioso e assume o poder absoluto. A República assistia o início do seu fim.

## 4 O ENREDO

### 4.1 Primeiro ato

O enredo da peça *Júlio César*, de 1599, é composto de cinco atos. O primeiro ato tem início em Roma, com plebeus festejando a vitória do general Júlio César sobre os filhos de Pompeu. Durante a festa de Lupercais<sup>8</sup>, um vidente se destaca no meio da multidão, encontra Júlio César e o avisa para ter cuidado com os Idos de Março<sup>9</sup>. Júlio César dá de ombros. Enquanto isso, Caius Cassius, um nobre, encontra Marcus Brutus, homem conhecido pela sua integridade moral, e tenta convencê-lo de conspirar contra Júlio César. Durante a conversa de Caius Cassius e Marcus Brutus, o nobre Marco Antônio oferece a coroa a Júlio César três vezes, mas ele a nega em todas. Isso faz com que a população de Roma fique extremamente comovida com a nobreza de Júlio César, gerando preocupação em Marcus Brutus, que teme a tirania do governo de um homem só. Sabendo que o Senado pretendia coroar Júlio César no dia

---

<sup>8</sup> Lupercais era um festival romano religioso que ocorria no fim do ano, que acabava em fevereiro (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lupercália>).

<sup>9</sup> No calendário romano, os meses eram divididos em Idos, Calendas e Nonas. No mês de março, os Idos ocorriam no dia 15. No caso, os Idos de Março referidos na narrativa ocorreram no ano 44 a.C. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Idos>).

seguinte, Caius Cassius reúne Casca, Cinna, Decius Brutus, Trebonius e Metellus Cimber, e organiza a conspiração contra Júlio César.

#### **4.2 Segundo ato**

O segundo ato retrata Marcus Brutus sozinho, em casa, refletindo sobre qual seria o melhor futuro para Roma: com Júlio César ou sem Júlio César. Movido por ideais republicanos e preocupado com o bem comum, decide se reunir com os conspiradores e, juntos, planejam matar Júlio César no dia seguinte, durante a cerimônia do Capitólio. Na casa de Júlio César, Calpúrnia, sua esposa, acorda várias vezes durante a noite, prevendo a tragédia que ocorreria no dia seguinte. Pela manhã, Calpúrnia tenta convencer Júlio César a não comparecer à cerimônia do Capitólio. Quando Júlio César está quase convencido de ficar em casa, Décio Brutus, um dos conspiradores, aparece e o convence a ir ao Capitólio. Pouco antes da cerimônia, Artemidorus prevê que algum mal será feito a Júlio César, bem como Pórcia, mulher de Marcus Brutus.

#### **4.3 Terceiro ato**

O terceiro ato se inicia em uma rua, em frente ao Capitólio. Chegando à cerimônia, Júlio César encontra novamente o vidente que havia visto em Lupercais, e diz que os Idos de Março chegaram, se gabando de que nada iria acontecer. O vidente responde que os Idos de Março chegaram, mas ainda não se foram. Júlio César entra no Capitólio e, de maneira inesperada, os conspiradores se ajoelham em frente a ele, um a um, pedindo liberdade a Publius Cimber, irmão de Metellus Cimber. Júlio César nega o pedido a Metellus, depois a Marcus Brutus, Caius Cassius, Cinna, Decius Brutus, até que Casca o apunhala, proferindo a frase: “Mãos, falem por mim!”. Nesse momento, todos os conspiradores atacam Júlio César. Marcus Brutus dá o último golpe, seguido da frase dita por Júlio César: “Et tu, Brute? Então cai César (morre)”.

No dia seguinte, durante o funeral de Júlio César, Marcus Brutus e Caius Cassius dividem a multidão de plebeus e proferem discursos explicando as razões de seus atos. Após o discurso de Marcus Brutus, a

multidão passa a acreditar que Júlio César seria um homem perigoso para Roma, e agradecem aos conspiradores por terem-no matado. Porém, pouco depois da fala de Marcus Brutus, Marco Antônio é autorizado pelos conspiradores a fazer um discurso, sob a condição de que não fale mal dos conspiradores. O discurso de Marco Antônio, carregado de recursos retóricos, choca a multidão. Utilizando-se da ironia e de apelos emocionais, Marco Antônio enobrece a imagem de Júlio César e recrimina – indiretamente – a atitude dos conspiradores. No final de sua fala, Marco Antônio lê o testamento de Júlio César, que legava a cada romano setenta e cinco dracmas, além de seus passeios, bosques e pomares à margem do Tibre, para que tivessem o prazer da atividade ao ar livre. Após o discurso de Marco Antônio, a multidão se inflama contra os conspiradores, e sai à caça de cada um, prometendo nada menos que a morte. Inclusive, ao encontrar com um cidadão na rua, chamado Cinna, o poeta, o confundem, inicialmente, com Cinna, o conspirador, e o matam sem nenhum motivo razoável, mesmo após esclarecidos do equívoco.

#### **4.4 Quarto ato**

No quarto ato, Marco Antônio se encontra com Otávio César e Lépidio, para combinar um ataque contra os conspiradores que, após o discurso de Marco Antônio, haviam fugido de Roma. Ao mesmo tempo, Marcus Brutus e Caius Cassius se encontram, com seus respectivos exércitos, em um acampamento perto de Sardes. No acampamento, Marcus Brutus e Caius Cassius se desentendem e trocam ofensas, até o momento em que Marcus Brutus afirma que Pórcia, sua mulher, se suicidou após a fuga dos conspiradores. Após a notícia chocante, Caius Cassius pede desculpas, e os dois vão dormir. Ao longo da noite, o Fantasma de Júlio César aparece para Marcus Brutus e diz que se encontrariam no campo de batalha em Philippi.

#### **4.5 Quinto ato**

O quinto ato se inicia na planície de Philippi, onde os conspiradores Marcus Brutus e Caius Cassius pretendem atacar Marco Antônio e Otavio César. Antes da batalha, os quatro generais se encontram no meio da planície para trocar ameaças. Em seguida, eles se afastam e combinam

estratégias de ataque. Durante a batalha, Caius Cassius percebe que suas tropas estão sendo devastadas pelo exército de Marco Antônio, e resolve recuar. Avistando fogo em suas barracas, Caius Cassius pede a Titinius que vá averiguar a situação, e que Pindarus o vigie do alto de uma colina. Pindarus narra a Caius Cassius que avistou Titinius sendo preso. Com o peso na consciência de ter recuado e perdido seu amigo Titinius, Caius Cassius se suicida com a espada que matou Julio César. Pindarus foge para bem longe.

Pouco depois, Titinius retorna com Messala, para avisar Caius Cassius que o exército de Marcus Brutus havia vencido o de Otávio César, e se depara com Caius Cassius morto. Na verdade, Titinius não havia sido preso; Pindarus mentira para fugir da batalha. Porém, Titinius fica com peso na consciência de ter demorado para voltar e avisar Caius Cassius, e acaba se suicidando ao lado dele. Marcus Brutus chega e se depara com Caius Cassius e Titinius mortos no chão, e assume que foi o espírito de Júlio César que os matou. No outro lado do campo de batalha, Lucilius é feito prisioneiro pelo exército de Marco Antônio, se passando por Marcus Brutus. Porém, levado a Marco Antônio, é desmascarado. Enquanto isso, Marcus Brutus, devastado pela morte dos colegas, afirma que o Fantasma de Júlio César havia planejado encontrar-lhe no campo de batalha em Philippi e, se assim desejava, era hora de Marcus Brutus morrer. Marcus Brutus pede a Strato que segure a espada, e se atira, suicidando-se.

No fim, Marco Antônio e Otávio César encontram todos mortos no chão e admiram a atitude de Marcus Brutus. Marco Antônio afirma que todos os outros conspiradores mataram Júlio César por inveja, enquanto Marcus Brutus foi o único que realmente se preocupou com o bem comum e com o futuro de Roma. Otávio planeja um funeral digno a Marcus Brutus, e ambos se retiram. Assim termina a peça.

## **5 OS PERSONAGENS PRINCIPAIS**

### **5.1 César e a arrogância do poder**

Ao longo da narrativa, é perceptível o tom de soberba nas falas de Júlio César, enebriado pelas próprias vitórias e pelo poder que lhe é conferido pelos romanos. Logo no início da peça, a extensão da obediência que lhe devotam se revela. Ao fazer um pedido a Marco Antônio, ouve como

resposta: “Prometo. Quando César me diz ‘Faz’, já está feito”. A arrogância se revela ainda na mesma cena. Alertado pelo vidente para ter cuidado com os Idos de Março, César reage com desdém: “É um sonhador. Pode esquecer. Passemos”<sup>10</sup>.

Em duas outras situações, no curso da peça, a presunção e o desprezo pelo outro se manifestam nas atitudes de Júlio César. A primeira se dá na discussão com sua mulher Calpúrnia, no segundo ato, cena II. O diálogo antecede sua ida fatal ao Capitólio, quando ela diz não ser um bom dia para sair de casa, pois havia sonhado com a sua morte. Cheio de si, César responde:

César irá sair. Quem me ameaça  
Só o faz pelas costas, pois ao ver  
A minha face, desvanece.

Ainda assim, diante dos sonhos de Calpúrnia, César pede aos sacerdotes que sacrifiquem um animal e, nele, vejam se o seu futuro é sair ou ficar em casa. Seu criado volta com a notícia:

Dizem que hoje não deve sair.  
Arrancando as entranhas de uma ave,  
A oferenda não tinham coração.

É bem clara a previsão dos sacerdotes. Mas César a rejeita, dizendo-se maior do que qualquer perigo:

Os deuses sempre humilham a covardia:  
Besta sem coração seria César  
Se só por medo ficasse hoje em casa.  
Mas César, não. O perigo bem sabe  
Que eu sou mais perigoso do que ele.  
Somos leões paridos num só dia,  
Sendo eu o mais velho e mais terrível;  
E César vai sair.

Diante de um último apelo emocional de Calpúrnia, ele ainda hesita. Porém, cede ao argumento definitivo de Décio Brutus, que o convence a sair:

Ouçã agora: o Senado resolveu  
Conceder hoje uma coroa a César;  
Mas se mandar dizer que hoje não vai,  
Talvez mudem de ideia. É um desrespeito  
Que pode levar alguns a afirmar,  
‘Interrompamos a sessão um tempo,  
Até Calpúrnia ter sonhos melhores’.

<sup>10</sup> Salvo onde assinalado, as citações foram retiradas da tradução de Barbara Heliodora (Shakespeare, 2006a).

Se César se esconde, talvez digam  
 ‘Vejam só; estará César com medo?’

Tentado pela oferta de poder feita por Décio Brutus e temendo o abalo à sua imagem política perante os Senadores, Júlio César vai ao Capitólio, onde será assassinado pelos conspiradores.

Já próximo à cena do seu assassinato, César revela, em uma segunda situação, arrogância e soberba. Pouco antes de entrar no Capitólio, ele encontra o vidente que o havia avisado para ter cuidado com os Idos de Março. Gaba-se então para o advinho: “Chegaram os Idos de Março”. O vidente, sábio, responde: “Mas inda não se foram”. Em seguida, ocorre a cena fatal. No momento em que Júlio César entra no Capitólio, Metellus Cimber pede a liberdade para o seu irmão, Publius Címber, que havia sido exilado. Nessa cena, fica evidente o desprezo pelo outro, sua imensa prepotência:

Chega, Cimber;  
 Curvaturas e grandes reverências  
 Podem afogear homens comuns,  
 E transformar decretos e leis firmes  
 Em jogo de criança. Não se iluda;  
 Julgando tão rebelde este meu sangue,  
 Que se desvie de alta qualidade  
 E se derreta, tolo, com elogios,  
 Medidas demonstrações bajuladoras.  
 Um decreto baniu o seu irmão;  
 Se por ele se curva e, lambe e gane,  
 Eu o afasto com o pé, como a um cão.  
 Saiba que César não erra e, sem causa,  
 Não fica satisfeito.

Na sequência, Marcus Brutus e Caius Cassius reiteram o mesmo pedido, que é negado, de novo com grande empáfia:

Isso me tocara se eu pudesse  
 Como você por isso ser tocado;  
 Se eu orasse, ouviria a sua prece.  
 Mas sou firme qual a Estrela d’Alva  
 Que, por seus muitos dotes de firmeza,  
 Não tem par nem igual no firmamento.  
 Pintam os céus milhares de faíscas,  
 Todas de fogo, todas rebrilhando;  
 Porém só uma permanece fixa.  
 Assim é o mundo bem fornido de homens,  
 Homens de carne e osso, que têm medo;  
 Mas nesse número só sei de um  
 Que mantém o seu posto, inabalável  
 Pela emoção; e esse um sou eu.  
 E vou mostrá-lo um pouco, neste caso:  
 Constante como fui ao punir Cimber,  
 E em mantê-lo banido sou constante.

No desfecho da cena, Cinna, Decius e Casca fazem o mesmo pedido que, negado por Júlio César, gera o ataque dos conspiradores. Prudência, humildade e respeito pela opinião dos outros poderiam ter-lhe poupado da morte. Antes mesmo de chegar ao poder absoluto, que ainda se renunciava, César já exibia a faceta arrogante dos tiranos e ditadores.

## 5.2 Brutus e o sentimento republicano

Logo ao início da peça, no Ato I, Cena II, Shakespeare apresenta o dilema existencial de Marcus Brutus: matar ou não matar Júlio César. Brutus respeitava César, tinha dívidas de gratidão para com ele e o amava fraternalmente. Por isso não era fácil a decisão. Por outro lado, estava convencido de que César havia se tornado poderoso demais desde que vencera os filhos de Pompeu e seu comportamento imperial ameaçava a República romana de se tornar o governo de um homem só. A perspectiva da tirania aguçou o sentimento republicano de Marcus Brutus. Quando Caius Cassius tenta convencer Marcus Brutus de conspirar contra Júlio César, ainda no começo da trama, revela-se o amor de Marcus Brutus pela coisa pública. Enquanto conversam, Brutus escuta os gritos do povo, vindos da festa de Luperciais, e exclama: “Que grito é esse? Eu já temo que o povo escolha César pra rei”. Caius Cassius, então pergunta: “Então, teme? Devo crer, nesse caso, que não o quer?”. Assim responde Marcus Brutus:

Não quero, Cassius, embora o ame.  
Mas qual a causa de reter-me assim?  
O que deseja, enfim, comunicar-me?  
Se for algo que vise ao bem comum  
Mostre a honra num olho e a morte no outro,  
E aos dois hei de encarar com indiferença.  
Os deuses sabem que amo mais a honra  
Do que possa jamais temer a morte.

No curso da peça, o dilema de Brutus se revela com cores fortes em dois momentos distintos. O primeiro deles ocorre quando, sozinho em sua casa, toma a decisão fatídica de matar César, unindo-se aos conspiradores. A cena se inicia com um monólogo de Brutus no pomar:

Ele tem de morrer; e quanto a mim  
Não tenho causa para repudiá-lo,  
Senão a pública. Se coroadado,  
Como isso o mudaria? É esse o ponto.  
É a luz do sol que faz sair a cobra,  
Exigindo cuidados no pisar.

Se o coroamos damos-lhe um ferrão,  
 Perigo para ele usar a qualquer hora.  
 O abuso da grandeza é separar  
 O poder do remorso; e, na verdade,  
 Em César jamais vi a emoção  
 Pesar mais que a razão. Mas é sabido  
 Que a humildade é a escada da ambição,  
 Pra qual sempre se volta o carreirista;  
 Mas uma vez alcançando o ponto máximo,  
 Ele dá suas costas à escada,  
 Olha pras nuvens, despreza os degraus  
 Por que subiu. Talvez César o faça;  
 É impedi-lo pra evitar. E se à causa  
 Falta hoje base pelo que é agora,  
 Digamos antes que o que é, crescendo,  
 O levaria a tais atos extremos.  
 Temos de vê-lo um ovo de serpente  
 Que chocado, segundo o seu destino,  
 Virá a ser maligno e deve então  
 Ser morto inda na casca.

Nessa hora, seu criado Lucius o interrompe e entrega uma carta selada que alguém lhe deixara. Com a iluminação das estrelas (“Os meteoros que voam nos ares dão luz bastante pra que eu leia isto”), abre a carta e a lê:

‘Brutus, tu dormes; desperta e faz justiça!  
 Será que Roma...etc...etc...  
 Fala, vibra teu golpe, faz justiça!  
 Brutus, tu dormes; desperta’  
 Muitas instigações iguais a esta  
 Têm caído onde esta foi achada.  
 ‘Será que Roma...’ O que devo pensar?  
 Que ela não pode curvar-se ante um homem?  
 Meus ancestrais expulsaram Tarquínio  
 De Roma quando foi chamado rei.  
 ‘Fala, vibra teu golpe’, então me pedem  
 Que eu fale e aja? Roma a ti eu juro  
 Que se é por justiça tu hás de ter  
 Das mãos de Brutus tudo o que hoje pedes.

A decisão de Brutus em agir se dá antes mesmo de qualquer ação de César contra a República. O segundo momento em que Brutus procura justificar seu gesto em nome do amor à República se dá por ocasião do funeral de César, quando procura expor os motivos que justificaram a conspiração:

Romanos, compatriotas e amigos! Ouvi-me  
 por minha causa, e ficai em silêncio,  
 para poder ouvir. Acreditai-me por minha  
 honra, e respeitai minha honra para  
 poder acreditar. Censurai-me em vossa  
 sabedoria e despertai vossos sentidos  
 para julgar melhor. Se houver alguém

nesta assembleia, algum querido amigo de César, a ele eu direi que o amor de Brutus por César não foi menor do que o seu. *Se então ele perguntar por que Brutus levantou-se contra César, esta é a minha resposta: não foi porque amei menos a César, mas porque amei mais a Roma. Preferireis vós que César estivesse vivo, para que morrêsseis todos escravos, a que César estivesse morto, para viverdes livres?* Porque César me amava, choro por ele; porque foi feliz, regozijo-me; porque foi bravo, honro-o; mas porque era ambicioso, matei-o. Há lágrimas por seu amor, regozijo por sua felicidade, honra por sua bravura e morte por sua ambição. Quem há aqui tão baixo que quisesse ser escravo? Se há alguém, que fale, pois a ele eu ofendi. Quem há aqui tão rude que não quisera ser romano? Se há alguém, que fale; pois a ele eu ofendi. Quem há aqui tão vil que não ame o seu país? Se há alguém, que fale; pois a ele eu ofendi. Espero uma resposta. [...]

Então não ofendi ninguém. Não fiz mais a César do que faríeis vós a Brutus. Toda a questão de sua morte está lavrada no Capitólio; sua glória não está diminuída, pois ele a mereceu; nem são exageradas as suas culpas, pelas quais ele morreu.

Eis que chega o seu corpo, pranteado por Marco Antônio que, muito embora não tenha participado de sua morte, receberá o benefício de seu passamento, seu lugar na comunidade. E a qual de vós não acontecerá o mesmo? Com isso eu parto, eu que assassinei aquele a quem amava pelo bem de Roma, e tenho a mesma adaga para mim, quando aprouver ao meu país ter a necessidade da minha morte (grifos acrescentados)

E assim a causa pública prevalece sobre o sentimento privado.

### 5.3 Marco Antônio e a arte da retórica

A retórica, a arte de falar com eloquência, para persuadir, inspirar ou conquistar, tem papel destacado na trama, sobretudo na figura de Marco Antônio. Logo após o assassinato de César, ele procura os conspiradores para entender a razão do ato extremo que perpetraram. Ao se manifestar, disfarça a indignação que sente sob um manto de simpatia irônica e sarcástica:

Senhores eu não sei o que planejam,  
 Quem mais deve sangrar, quem julgam podre,  
 Se sou um deles não há melhor hora  
 Que a da morte de César, e nem armas  
 Que valham essas suas, que estão ricas  
 Com o sangue mais nobre deste mundo.  
 Eu lhes imploro, se me querem mal,  
 Que agora, enquanto as rubras mãos tresandam,  
 Tenham o seu prazer. Pois em mil anos  
 Nunca estarei tão pronto para a morte;  
 Nenhum lugar ou instrumento fatídico  
 Me agradará como este, junto a César,  
 Ceifado pelos homens que reúnem  
 A nata e a inteligência destes tempos  
 [...]  
 Sei que foi sábio.  
 Me deem todos suas mãos sangrentas.  
 Primeiro, Brutus, eu aperto a sua;  
 E a seguir a sua, Caius Cassius;  
 Agora Decius Brutus e Metellus;  
 A sua, Cinna; a sua, valente Casca;  
 Por fim, com igual amor, o bom Trebonius;  
 Cavalheiros, que posso dizer eu?  
 Meu credito está hoje tão precário  
 Que hão de julgar-me mal de um modo ou outro;  
 Por ser covarde ou bajulador.  
 Que a ti ameí, oh César, é verdade!  
 Se a tua alma, então, ora nos vê,  
 Não há de lamentar mais do que a morte  
 Ver teu Antônio aqui buscando a paz,  
 Cerrando as mãos sangrentas do inimigo,  
 Todos tão nobres, diante do teu corpo?  
 Se tantas chagas fossem olhos meus,  
 Jorrando com o sangue que perdeste,  
 Faria eu melhor do que buscando  
 Ter a amizade dos teus inimigos.  
 Perdoa, Júlio, corça aqui caçada!  
 Aqui caíste e aqui teus caçadores  
 Eu vejo rubros com as tuas entranhas.  
 O mundo foi o bosque dessa corça,  
 E deste mundo foste o coração.  
 E como caça abatida por príncipes  
 Aí jazes tu!

Após esse discurso, os conspiradores autorizam Marco Antônio a falar no funeral de Júlio César, que ocorreria no dia seguinte. Porém, antes de finalizar a cena, Marco Antônio, sozinho, expressa seu verdadeiro sentimento quanto aos conspiradores:

Eu te imploro perdão, barro sangrento,  
 Por ser servil ante esses assassinos.  
 És a ruína do homem mais nobre  
 Que jamais houve na maré dos tempos.  
 Pobre da terra que te derramou  
 O nobre sangue! E ante as tuas chagas –  
 Que abrem mudas os lábios de rubi

Pra pedir voz a esta minha língua –  
Eu juro que uma praga há de abater-se;  
Fúria domestica e luta civil  
Virão cobrir a Itália toda inteira.  
Tao comuns serão sangue e destruição,  
Horrores serão tão familiares,  
Que mães irão sorrir ao deparar  
Com o filho esquartejado pela guerra,  
Sufocada a piedade pelo hábito:  
E a alma de César pedirá vingança  
Vinda do inferno, com Atê do lado,  
E com voz de monarca nestas plagas  
Soltará com alarma os cães da guerra,  
Até que este ato feda toda a terra  
Com corpos podres a implorar enterro.

É na fala no funeral de César, todavia, que Marco Antônio exhibe toda a sua verve, numa oração tida como verdadeira aula de retórica<sup>11</sup>:

Amigos, cidadãos de Roma, ouvi-me;  
Venho enterrar a César, não louvá-lo.  
O mal que o homem faz vive após ele,  
O bem se enterra às vezes com seus ossos.  
Com César que assim seja. O honrado Brutus  
Disse que César era ambicioso;  
Se isso é verdade, era uma dura falta,  
E duramente César a pagou.  
Com a permissão de Brutus e dos outros  
(*Pois Brutus é um homem muito honrado,  
Tal como os outros, todos muito honrados.*)  
Venho falar no funeral de César.  
Foi meu amigo, justo e dedicado;  
Mas Brutus diz que ele era ambicioso,  
*E Brutus é um homem muito honrado.*  
Ele trouxe pra Roma mil cativos  
Cujo resgate enchia nossos cofres;  
Mostrou-se assim a ambição de César?  
Quando o pobre clamava, ele sofria:  
Ambição deve ter mais duro aspecto;  
*Mas Brutus diz que ele era ambicioso,  
E Brutus é um homem muito honrado.*  
Vós todos vistes que, no Lupercal,  
Três vezes lhe ofertei a real coroa:  
Três vezes recusou. Isso é ambição?  
*Mas Brutus diz que ele era ambicioso,  
E sabemos que é um homem muito honrado.*  
Não falo pra negar o que diz Brutus  
Mas para dizer aqui tudo o que sei:  
Que causa vos impede de chorá-lo?  
Bom senso, hoje existes só nas feras;  
O homem perde a razão! Mas perdoai-me,  
Meu coração com César vai, no esquife,  
E eu calarei até que ele me volte.

<sup>11</sup> Segundo José Roberto de Castro Neves (2012, p. 212): “não há advogado que não se emocione com o discurso”.

[...]  
 Ainda ontem, com uma palavra,  
 César enfrentava o mundo. Hoje, ali,  
 Não tem um só mendigo para honrá-lo.  
 Oh, senhores! Quisesse eu comover-vos,  
 Em mente e coração até a revolta,  
 Faria mal a Brutus, mal a Cassius,  
 Que vos sabeis serem homens bem honrados.  
 Mas não lhes farei mal; prefiro, antes  
 Fazê-lo ao morto, a vós e a mim mesmo,  
 Do que fazê-lo a homens tão honrados.  
 Eis um escrito com o selo de César;  
 Achei-o no seu quarto; é a sua palavra.  
 Se o povo ouvisse aqui seu testamento,  
 O qual, perdão, eu não pretendo ler,  
 Ele iria beijar essas feridas,  
 Molhar seus lenços no sangue sagrado,  
 Tentar guardar um cabelo de César  
 E, ao morrer, haveria de testar,  
 Deixando-o qual legado precioso,  
 Aos seus herdeiros (grifos acrescentados).

Os plebeus pedem para que Marco Antônio leia o testamento, mas ele se nega. Porém, volta atrás e decide lê-lo. Pede para que todos façam uma roda em volta do corpo de Júlio César, e volta a discursar:

Se tendes lágrimas, chorai agora.  
 Conheceis este manto. Eu inda lembro  
 A vez primeira em que ele o usou:  
 Era tarde de estio; em sua tenda,  
 No mesmo dia em que venceu os Nérvios.  
 Vede aqui onde Cassius o feriu,  
 E onde rasgou a inveja de Casca.  
 Aqui o apunhalou o amado Brutus,  
 E quando este puxou pra fora a faca,  
 Vede o sangue de César a segui-la,  
 Assim como se corresse porta afora  
 Pra ver se o golpe fora do cruel Brutus.  
 Pois esse Brutus, como vós sabeis,  
 Era o anjo de César. Vós, oh deuses,  
 Julgai o quanto César o amava!  
 Essa foi a ferida mais cruel,  
 Pois quando César o viu golpeando-o,  
 A ingratidão, mais forte que os traidores,  
 Venceu e arrebentou seu coração;  
 E, protegendo o rosto com seu manto,  
 Junto à base da estátua de Pompeu,  
 Todo em sangue, caiu o grande César.  
 E que queda foi essa, meus patrícios!  
 Pois então vós e eu caímos todos,  
 Com o triunfo sangrento da traição.  
 Ora chorais e eu vejo que sentis  
 Dor e piedade. Esse é um belo pranto.  
 Por que chorais se vedes tão apenas  
 As feridas de um manto? Olhai agora,  
 Pra ver como a traição feriu seu corpo.

Marco Antônio tira o manto do corpo de Júlio César, e expõe suas feridas. Volta ao discurso. Enfurecidos, os plebeus planejam caçar os conspiradores. Marco Antônio chama-lhes a atenção:

Amigos, não sabeis o que fazeis.  
Qual a razão de vosso amor por César?  
Ah, não sabeis! Pois devo então dizer-vos:  
Vós esquecesteis já do testamento.  
[...]  
Aqui está ele, e selado por César.  
Aos cidadãos romanos ele deixa,  
A cada um, setenta e cinco dracmas.  
[...]  
Além disso, deixou-vos seus passeios,  
Seus bosques e pomares mais recentes,  
Nesta margem do Tibre, para vós  
E vossos filhos, pra sempre, pra terdes  
O prazer do recreio ao ar livre.  
Esse era um César! Quando haverá outro?

Após a fala de Marco Antônio, os conspiradores fogem de Roma, com medo do povo. Isso mostra, por si só, a força retórica do discurso feito por Marco Antônio. Ao iniciar sua fala, o povo havia acabado de escutar a Marcus Brutus. E estavam todos a comemorar a morte de Júlio César, que supostamente era um tirano. Ao fim de sua fala, o povo percebe que o ato dos conspiradores não teve fundamento, senão o argumento de autoridade utilizado por Marcus Brutus, acerca do fato de ser um homem nobre. Marco Antônio consegue reverter toda a situação, por meio de apenas um discurso.

## 6 ALGUMAS PÉROLAS DE SABEDORIA

Ao longo do texto, Shakespeare exhibe sua fina compreensão da vida e da condição humana, na sua grandeza e miséria. A seguir, algumas dessas percepções, em passagens antológicas.

### 6.1 A multidão é volúvel

Após o assassinato de César, os plebeus exigem uma explicação. Brutus sobe ao púlpito e faz-se silêncio para ouvi-lo. Em oração breve, explica que matou César para evitar que todos se tornassem escravos. Matou-o, não porque não amava César, mas porque amava mais a Roma. Compreendendo as razões, a multidão o apoia:

TODOS  
Vive, Brutus, vive!  
1º PLEBEU  
Vamos levá-lo em casa, com um desfile.  
2º PLEBEU  
Fazer-lhe a estátua junto aos ancestrais.  
3º PLEBEU

Que ele seja César.  
4º PLEBEU  
E o melhor.  
De César será coroado em Brutus.  
[...]  
1º PLEBEU  
César foi um tirano.  
3º PLEBEU  
Isso é certo.  
É uma bênção ver Roma livre dele.

No entanto, após a fala de Marco Antônio, a multidão muda de lado e se põe em crescente fúria:

1º PLEBEU  
Acho que tem razão no que ele diz.  
2º PLEBEU  
Pensando bem em toda essa questão,  
César foi muito injustiçado.  
3º PLEBEU  
Muito.  
Eu só temo que venha outro pior.  
4º PLEBEU  
Ouviram? Ele não quis a coroa;  
É óbvio que não era ambicioso.

E ao final do discurso de Marco Antônio, já fora de controle, todos voltam a se manifestar:

2º PLEBEU  
“Queremos vingança.  
TODOS  
Vingança! Vamos! Busquem! Queimem! Torrem!  
Matem! Cacem! Não deixem vivo nem um só  
traidor.  
[...]  
1º PLEBEU  
Vamos queimar a casa de Brutus!  
3º PLEBEU  
Em frente. Vamos pegar os conspiradores!.

## 6.2 A ingratidão é da natureza humana

Ao manifestar temor à ambição de César, assim como às mudanças que a conquista do poder nele provocariam, assim falou Brutus:

Mas é coisa  
sabida em demasia que a humildade  
para a ambição nascente é boa escada.  
Quem ascende por ela, olha-a de frente;  
Mas, uma vez chegado bem no cimo,  
Volta-lhe o dorso, e as nuvens, só, contempla,  
desprezando os degraus por que subira<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> A tradução, aqui, é a de Carlos Alberto Nunes (Shakespeare, 2008).

### 6.3 Como se livrar da tirania

Todo servo carrega em suas mãos  
Poder pra cancelar seu cativo.

### 6.4 A covardia

Morre mil vezes o covarde,  
O bravo prova a morte uma só vez.

### 6.5 A virtude não escapa da inveja

Lamento que a virtude não possa  
Viver longe dos dentes do invejoso.

### 6.6 O bem e o mal

O mal que o homem faz vive após ele,  
O bem se enterra às vezes com seus ossos.

### 6.7 Paixões desordenadas geram injustiça

Um dos conspiradores contra Júlio César chamava-se Cinna. Após o assassinato e o discurso de Marco Antônio, o povo sai pelas ruas em busca de vingança. No caminho, os plebeus ensandecidos encontram um homem de nome Cinna, homônimo de um dos assassinos. Pela coincidência, não hesitam em matá-lo:

3º PLEBEU

E o seu nome, senhor, de verdade.

CINNA

Em verdade, meu nome é Cinna.

1º PLEBEU

Acabem com ele! É um conspirador.

CINNA

Eu sou Cinna, o poeta, Cinna, o poeta.

4º PLEBEU

Matem-no por seus maus versos! Matem-no por seus maus versos.

CINNA

Eu não sou Cinna, o conspirador.

4º PLEBEU

Não importa. Ele se chama Cinna; é só arrancar-lhe o nome do coração, e depois mandá-lo embora!

3º PLEBEU

Matem! Matem!

### 6.8 Os poderosos desconfiam dos intelectuais

É certo que, no caso concreto, com razão. Em diálogo com Marco Antônio, César considera Cassius perigoso, porque lê muito e pensa demais:

Cassius, ali, tem ar magro e faminto;  
Pensa demais, seu tipo é perigoso.

[...]  
Precisava engordar! Eu não o temo;  
Mas se o meu nome fosse dado a medos  
Não sei de homem que eu mais evitasse  
Que esse Cassius magrela. Ele lê muito,  
Observa ainda mais, e vê no fundo  
Do que fazemos. Não ama o teatro  
Como tu amas, Antônio; e nem música.  
Raramente sorri, e quando o faz  
Parece fazer pouco de si mesmo  
Por chegar a sorrir de qualquer coisa.  
Homens assim jamais ficam tranquilos  
Se vêem alguém maior do que eles mesmos,  
E são por isso muito perigosos.

## 7 CONCLUSÃO

### 7.1 Amor e ideal

O *amor* move a vida privada. Em suas múltiplas manifestações: fraternal, paternal, filial, conjugal, erótico. Amar significa dar à vida uma dimensão transcendente, que faz com que ela seja mais do que a mera sobrevivência física, o acúmulo de bens, a satisfação de prazeres sensoriais ou conquistas pessoais. O amor é o contraponto ao egoísmo inerente à condição humana. A auto-referência e a obsessão de si são atenuadas pelo sentimento, pela capacidade de se ter empatia e de compartilhar afetos. O amor é a descoberta do outro e do bem que nos faz servir a ele. Na passagem inspirada de Vinícius de Moraes, “bastar-se a si mesmo é a maior solidão”. O amor está associado a virtudes como solidariedade, compaixão e bondade. É fora de dúvida que Brutus amava César.

Por sua vez, o *idealismo* está para a vida pública como o amor está para a vida privada. Ter ideal significa viver para objetivos que estão além do interesse imediato, do proveito próprio. Justo ao contrário, idealismo pode significar sacrifício e renúncia, em troca de realizações que não são puramente pessoais e frequentemente são intangíveis. O ideal, sem fanatismo ou onisciência, também é uma forma de transcender, de viver além das conquistas materiais e incluir o outro no nosso universo de preocupações. O idealismo está ligado a valores éticos, à virtude, às conquistas do espírito. É fora de dúvida, igualmente, que Brutus era um homem idealista.

A vida boa envolve o equilíbrio entre amor, idealismo e interesses próprios. *Júlio César* retrata um conflito excruciante: quando o amor e o idealismo estão em lados diferentes, opostos, inconciliáveis. A tragédia de

Brutus foi não poder colocar o seu amor – amor de gratidão, amor quase filial – onde habitava o seu ideal. Não era o seu interesse pessoal que estava em jogo. Na sua visão, a equação perversa era César *versus* Roma. Se ambos eram incompatíveis, se a ambição tirânica de César contrapunha-se aos valores da República romana, de que lado um homem de bem como Brutus deveria ficar? A peça revela não mais que breve hesitação: a República estava acima dos sentimentos pessoais. Para muitos, a dignidade de Brutus colocou-o acima de sua própria humanidade.

### 7.2 Meios e fins

Meios e fins formam a dualidade que move o mundo físico, o mundo da racionalidade, o mundo pragmático. Viver é escolher meios para realizar fins. Legislar é prever meios para concretizar objetivos legítimos. A adequação, necessidade e proporcionalidade dos meios que o indivíduo, a sociedade e o Estado elegem para buscar seus fins dão a dimensão de sua civilidade, constitucionalidade e moralidade. O desequilíbrio entre meios e fins, o emprego de instrumentos ilegítimos ou imorais para atingir fins legítimos, morais e desejáveis constitui um dilema ético que atravessa os séculos. Desde muito antes de Maquiavel, que não produziu a frase – *os fins justificam os meios* –, mas mereceu a autoria.

A preservação da República romana era um fim mais do que legítimo. Evitar o desencontro histórico e o despotismo que se irradiou a partir do seu fim, com a implantação do Império, justificaria esforços extremos. Porém, matar um ente querido; trair a confiança de um amigo; aliar-se a adversários que se moviam por sentimentos mesquinhos (e não por ideais republicanos) custaram a Brutus uma condenação moral insuperável, uma certa repulsa histórica. Transplantando o imperativo categórico de Kant do Iluminismo para a Antiguidade Clássica, se todos pudessem matar, trair e derrotar o amor em nome de um ideal legítimo, o prêmio final viria sem mérito nem virtude. E embora fosse moralmente maior do que César, para destruí-lo, Brutus tornou-se menor que ele. O mal não é fonte do bem. Por melhores que sejam as intenções.

### REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Trad. de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998;

- CAENESEM, R. C. van. *An historical introduction to western constitutional law*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1995.
- HADFIELD, Andrew David (Ed.). *Julius Caesar; William Shakespeare*. New York: Barnes & Noble, 2007.
- HELIODORA, Barbara. *O homem político em Shakespeare*. São Paulo: Agir, 2005.
- NEVES, José Roberto Castro. *Medida por Medida: o direito em Shakespeare*. Rio de Janeiro: G. Z. Editora, 2014.
- SANTANA, Henrique Modanez de. *História da República romana*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SCHULZ, Fritz. *History of roman legal Science*. Oxford: Clarendon Press, 1953.
- SCOTT, Gordon. *Controlling the State: Constitutionalism From Ancient Athens To Today*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.
- SHAKESPEARE, William. *Teatro completo: tragédias e comédias sombrias*; v. 1. Trad. de Barbara Heliodora, 2006a.
- SHAKESPEARE, William. *Teatro completo; tragédias*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Agir, 2008.
- SHAKESPEARE, William. *The Complete Works*. London: Collins, 2006b.
- SMITH, Emma. *The Cambridge Shakespeare Guide*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2012.
- William Shakespeare. In: *ENCYCLOPEDIA Britannica*. Chicago: London: Encyclopædia Britannica, 1975. v. 5.
- William Shakespeare. In: *THE COLUMBIA Encyclopedia*. New York: Columbia University Press, 1993.
- William Shakespeare. In: *ENCYCLOPEDIA Americana*. New York: Grolier, 1998. v. 14.
- William Shakespeare. In: *THE NEW Encyclopaedia Britannica*. Chicago; London: Encyclopædia Britannica, 2002.
- William Shakespeare. In: *BIOGRAPHY*. Disponível em: <<http://www.biography.com/people/william-shakespeare-9480323#video-gallery>>. Acesso em: 15 out. 2017.
- WOLFF, Julius H. *Roman law: an historical introduction*. Norman: University of Oklahoma Press, 1951.

**Idioma original: Português**

**Recebido: 02/11/17**

**Aceito: 19/11/17**